

SANTA MONTANHA: APARIÇÕES MARIANAS EM GUIRICEMA, MINAS GERAIS

Maria Goretti Lanna
*Universidade Federal de Juiz de Fora, Brasil**

Resumo: O Santuário da Santa Montanha se originou a partir dos relatos de três crianças sobre aparições de uma santa em um pequeno povoado na zona rural da cidade de Guiricema, no Estado de Minas Gerais. Este primeiro momento iniciou a construção de um mundo simbólico, onde inúmeros elementos foram surgindo e se agregando de maneira contínua e ininterrupta, e no qual diversas pessoas se uniram, rompendo com a comunidade onde se inseriam, dando origem a um microcosmo regido diretamente por Nossa Senhora e pelo Menino Jesus. Sua história é mesclada de acontecimentos que ocorreram no Brasil nos anos 1960 em decorrência da ditadura militar e da reforma católica na Igreja Romana a partir do Concílio Vaticano 2º.

Palavras-Chave: Aparições marianas, santuário, catolicismo, igrejas.

Abstract: The Santa Montanha's Sanctuary was created from narratives about Saint Mary's apparitions, based on reports of three children from a small village located on the countryside of Minas Gerais state, Brazil. These reports started a process of creating of a symbolic world, where many elements have emerged and were aggregated continuously. This religious world was built by the people who lived in the surroundings of the village. They left their homes and formed a new community, creating a world/cosmos ruled directly by Saint Mary and Baby Jesus themselves. The history of the Sanctuary is related to important events in the nineties sixties, like the Second Vatican Council and the Brazilian military dictatorship.

Keywords: Marian apparitions, sanctuary, Catholicism, churches.

Introdução

Ainda foi possível, após mais de quarenta e cinco anos desde os primeiros relatos de que Nossa Senhora se fez presente a três crianças, na zona rural da cidade de Guiricema, no Estado de Minas Gerais, encontrar diversas pessoas que participaram ativamente da história da criação do Santuário da Santa Montanha, que surgiu a partir deste evento, e vêm mantendo

viva sua lembrança desde meados dos anos 1960. A pesquisa que permitiu conhecer como se originou e vem se mantendo no tempo a devoção a Nossa Senhora Aparecida desenvolveu-se principalmente a partir da minha inserção em campo, quando aluguei uma casa das Irmãs Carmelitas que residem no convento que foi construído em 1981 e passei a morar com as pessoas do povoado, em um período que durou vários meses. Durante este tempo realizei entrevistas com os moradores da região e de cidades vizinhas, recolhendo também informações com diversas outras pessoas que participaram dos fatos que ocorreram a partir do primeiro relato das aparições de Nossa Senhora. Também participei das missas, procissões, rezas, comemorações e festividades que são realizadas frequentemente no vilarejo. Uma outra fonte de informação de grande importância foi um conjunto de três cadernos denominado pelos moradores da Santa Montanha de Livro do Tombo e que se encontra guardado no convento das carmelitas. Este Livro é composto de três cadernos de capa dura, com 150 folhas cada um, já amareladas pelo tempo e pelo manuseio e contém mais de 700 páginas manuscritas pelos devotos de Nossa Senhora que falam sobre suas aparições às crianças, à vidente Levina e também a várias outras pessoas, descrições de fatos que precederam as aparições, acontecimentos e manifestações misteriosos e também reúne a maioria das mensagens recebidas da santa pela vidente Levina por mais de 30 anos. A transcrição minuciosa destes fatos no Livro do Tombo impediu que partes da história da Santa Montanha fossem esquecidas ou que esta pudesse sofrer modificações ao longo do tempo.

São quatro os principais elementos integrantes do catolicismo que fundamentam o mundo criado a partir do primeiro relato da existência de uma santa na Montanha: Nossa Senhora da Conceição Aparecida, o Menino Jesus Celeste, o Arcanjo Miguel e o demônio.

Nossa Senhora da Conceição Aparecida

No início dos anos 1960, a família de Levina Sérgia da Silva Ferreira¹ morava na zona rural de Ervália, Minas Gerais, município distante 10 quilômetros de Guiricema. Seu marido, Sebastião Lourenço Ferreira, era trabalhador rural e haviam se casado quando Levina tinha 14 anos de idade e tiveram 6 filhos. Após o falecimento de um dos filhos do casal, a família se mudou para Guiricema e Sebastião passou a trabalhar na fazenda do senhor

Juca Emídio. O local era conhecido como Serra da Mutuca e o município de Guiricema, nos anos 1960, era constituído quase que totalmente por pessoas praticantes da religião católica, com 83% da população residente na área rural. O caminho até a casa onde a família passou a residir era de difícil acesso, sem estradas, apenas trilhas no matagal e o transporte até ao local era feito por animais. O catolicismo praticado na região rural de Guiricema, nos anos 1960, correspondia ao que Marcelo Camurça (1996) define como catolicismo popular, que assumia a feição predominantemente leiga e social, em que “se estruturam então, Irmandades e Confrarias leigas que passam a lidar com a religiosidade focal, permitindo que o fiel se dirija diretamente ao Santo protetor sem a mediação clerical.”

Os relatos contam que, no dia 2 de fevereiro de 1966, as duas irmãs, Maria e Geralda dos Reis, filhas de Sebastião e Levina, na companhia de sua prima Geralda Clementina, com idades entre sete e quatorze anos, saíram de casa à tardinha para levar café para o pai que trabalhava na roça. Na volta, pararam para brincar em uns cipós que Sebastião havia cortado e estendido em uma árvore para secar. Enquanto gangorravam nos cipós que estavam pendurados, Geralda dos Reis disse ter visto um animal muito feio, um bicho que não soube descrever. As três crianças correram para casa, assustadas, mas decidiram voltar ao local da brincadeira para verificar se o animal já havia desaparecido. Ao se abaixar, Geralda se deparou com a presença de Nossa Senhora, visão que foi compartilhada com as outras duas meninas. A imagem foi reconhecida como a de Nossa Senhora Aparecida, que Levina mantinha em sua sala e havia trocado em Aparecida do Norte por ocasião de uma promessa feita pela cura de Geralda, que era uma criança doente e sofria de umas crises em que ficava como morta. Maria e sua irmã foram alertadas pela prima mais velha a não dizerem nada em casa sobre a aparição. O falecimento de dois dos pastores de Fátima ainda crianças após seu encontro com Nossa Senhora era conhecida e foi lembrada com temor por Geralda Clementina.

Levina, desde sua primeira gravidez, sofria de uma enfermidade crônica adquirida em decorrência do parto. Maria, ao ver Nossa Senhora, pensou em sua mãe doente e correu a avisá-la da aparição, apesar dos conselhos da prima. Levina chegou até ao local indicado pelas filhas e neste primeiro encontro com a santa pediu para ser curada do mal que a acometia, no que foi atendida alguns dias depois. Neste primeiro encontro, Nossa Senhora pediu a Levina que rezasse o terço para a salvação das almas e pela conversão dos pecadores.

A notícia se espalhou entre os moradores da região provocando uma reação em cadeia que, com rapidez, extrapolou os limites da pequena cidade de Guiricema, levando inúmeras pessoas dos municípios vizinhos e dos diversos povoados ao redor a frequentarem a montanha. Levina e as crianças, na companhia destas pessoas, passaram a fazer orações diárias no local das aparições. Em um destes momentos, Nossa Senhora pediu à mãe das meninas que passasse a trabalhar para Ela, assumindo o encargo de divulgação de suas mensagens, o que ocorreu até o seu falecimento em 2002.

O pároco da cidade de Guiricema, em 1966, era o Padre Paulo Fada que, a pedido de Sebastião, subiu a montanha para abençoar o local onde Nossa Senhora estava se manifestando. Por solicitação deste padre, foi erigido um cruzeiro de madeira pelos moradores do lugar. O cruzeiro foi levantado, Padre Paulo foi à montanha para benzê-lo e em poucos dias foi transferido de paróquia e substituído pelo Padre Galdino da Rocha Passos, que também aderiu ao movimento de devoção a Nossa Senhora e no dia 19 de março de 1966 celebrou sua primeira missa na montanha. Até o final do ano de 1968 este padre prestou serviços religiosos no local, realizando grandes procissões que atraíam centenas de pessoas.

Interessante de se observar nas aparições de Nossa Senhora na Santa Montanha são as características que permitem identificá-las com aquelas ocorridas no período destacado por Steil (2003, p. 25/27) como Idade Moderna. A participação da comunidade, o encontro de Maria de forma direta com os devotos em locais junto à natureza onde Ela se manifesta não somente a uma pessoa em especial, mas também a um conjunto de habitantes da região, se destacam nas aparições da Santa Montanha. Assim, é a santa que escolhe a comunidade onde se mostra², centrando suas mensagens nos três elementos destacados pelo autor como recorrentes neste período: a advertência sobre os castigos que serão infligidos à humanidade³ com a aproximação do final dos tempos⁴; pedidos de conversão dos pecadores⁵; e estabelecendo “novas formas de culto e novos espaços sagrados⁶”, levando à descentralização do poder de Roma.

Coincidindo com a implantação da ditadura militar no Brasil em 1964 e o processo de reforma da Igreja Católica, iniciado pelo Concílio Vaticano II em 1962, a santa revela três segredos⁷, que somente poderão ser conhecidos pelo Papa, reconhecendo assim a autoridade da Igreja, em uma analogia às aparições de Fátima. Também de modo a se situar neste período, poucos anos depois dos relatos das primeiras aparições, as mensagens da santa passam a profetizar acontecimentos que se darão em um

tempo próximo e que serão antecidos por guerras em todo o mundo, terremotos, inundações, elevação dos oceanos e sinais nos céus, em uma visão apocalíptica do final dos tempos.⁸

O Menino Jesus Celeste

Os efeitos do Concílio Vaticano se fizeram sentir na região rural de Guiricema no início do ano de 1969, com a chegada do Padre João Bentjes, que iniciou as reformas litúrgicas. Nesta época, a vida pessoal e social dos indivíduos na comunidade se mantinha ligada à vida religiosa e em torno dela e a Igreja exercia a função de conglomerar toda a população nas festividades constantes, como nas coroações por crianças a Nossa Senhora que duravam todo o mês de maio com grandes procissões pelas ruas da cidade, assim como através de celebrações que aconteciam durante todo o mês dedicado ao santo padroeiro, quando a imagem deste santo era carregada em andor ou exposta à adoração. O calendário religioso era extenso e as pessoas se organizavam em torno dele. Os rituais se repetiam na religião, que se repetia e se reafirmava nos indivíduos, e a religião e vida social se entrelaçavam, na prática do catolicismo denominado por vários autores como popular ou rústico e que Marcelo Camurça (1996) entende marcado por “uma sociabilidade entre os colonos que habitavam sítios distantes uns dos outros”, quando as festas e as celebrações religiosas se alternavam em ritmos de celebração/expiação.

Nesta ocasião, Padre Galdino já havia sido transferido de paróquia e os devotos de Nossa Senhora se reuniram em regime de mutirão e construíram uma ermida para celebração de missas, novenas e orações. Os anos que se seguiram às primeiras aparições de Nossa Senhora na Serra da Mutuca foram acompanhados de diversos conflitos entre o clero e os moradores e fiéis. Os padres que exerceram suas funções em Guiricema no final dos anos 1960 e nos anos 1970, Padre João Bentjes e Padre Vinícius, passaram a exigir da população que promettesse não subir a montanha, com a finalidade de pôr um fim às aparições. A solução encontrada pelo padre João para fazer cumprir as determinações do bispo de Leopoldina em deter o fenômeno que eclodia na zona rural de sua paróquia e que ia de encontro às normas institucionais, em especial aquelas que advinham das recentíssimas alterações provocadas pelo Concílio Vaticano II, o levou a praticar atos considerados inexplicáveis pelos entrevistados. Durante a missa

do sábado, Levina foi acusada publicamente de ser portadora de doença mental e, juntamente com vários frequentadores da Santa Montanha, foi expulsa da igreja sob a alegação de prática de macumba, em um processo que Pierre Bourdieu (Bourdieu, 2005) denomina dissociação ou distinção, quando analisa a oposição entre os detentores do monopólio da gestão do sagrado e os leigos, e que ocorre quando um sistema de práticas e crenças surge em um grupo de indivíduos estranhos ao sagrado e ao corpo de administradores do sagrado e é considerado “como *magia* ou como *feitiziaria*, no sentido de religião inferior, todas as vezes que ocupar uma posição dominada na estrutura das relações de força simbólica”.

A partir de 1969, a família da vidente e os seguidores e devotos de Nossa Senhora foram impedidos pelos padres de frequentar as igrejas do município de Guiricema e do Distrito de Villas Boas. Os fatos que ocorreram na região encontram correspondência em Steil (Steil, 1996) ao descrever os efeitos do Concílio Vaticano II sobre as demonstrações do catolicismo popular que “fez com que os primeiros anos do Vaticano II fossem marcados por uma onda iconoclasta que retirou as imagens dos santos das igrejas, suprimiu muitas procissões, proibiu diversas manifestações populares religiosas e ridicularizou devoções tradicionais”.

Como a pressão da Diocese de Leopoldina estava insustentável, no início dos anos 1970 a família de Levina passou a morar em Terra Fria, zona rural do município de Ervália, submetido à Diocese de Mariana, que assumiu a posição de não interferir nos fatos que ocorriam na paróquia. Em uma viagem a Muriaé, cidade próxima a Guiricema, e onde também eram relatadas aparições de Nossa Senhora a um menino chamado José Geraldo, Levina teve a oportunidade de conhecer alguns padres, Padre Emílio Soares da Silva, Padre José Guerra, Frei Benigno Dissel, Padre Ademar Ferrari, Frei Faustino e uma religiosa carmelita chamada Madre Ana, que passaram a conviver na montanha e a prestar serviços religiosos à população e aosromeiros. Estes religiosos eram vinculados à Igreja Católica Palmariana, criada por Clemente Domínguez e Manuel Alonso Corral em 1976, conhecida por abrigar as Irmãs Carmelitas da Santa Face. Neste mesmo ano, Levina foi levada por Padre Ferrari a se submeter a uma junta psiquiátrica no Rio de Janeiro, no Serviço Nacional de Doenças Mentais (SNDM), órgão federal criado pelo governo militar, com a finalidade de comprovar sua sanidade mental. Embora esse padre seja citado neste episódio, os relatos mostram que não foi por iniciativa dos religiosos de Palmar de Troya que a vidente se submeteu à perícia psiquiátrica, mas que foi obrigada a comparecer ao

SNDM em decorrência de coerção judicial, mostrando uma atuação conjunta da Igreja, através da Diocese de Leopoldina, liderada na época pelo Bispo Dom Gerardo Reis, com as autoridades locais. O que se pode inferir neste caso específico, é que a investigação científica do fenômeno não ocorreu com a finalidade de se provar a autenticidade das aparições ou “evitar que se excluísse a hierarquia do processo de comunicação com o meio divino”, como foi bem observado por Severino Vicente da Silva (2003, p.72) em seu trabalho sobre aparições marianas em Cimbres, Pernambuco, mas sim com a finalidade de demonstrar publicamente que a vidente Levina era portadora de doença mental e assim eliminar o obstáculo que a crença nas aparições de Nossa Senhora na Serra Mutuca apresentava ante o processo de racionalização do catolicismo, decorrente das reformas na Igreja, em uma estratégia que Peter Berger e Luckmann (2009) denominam legitimação negativa ou aniquilação, pois enquanto a legitimação afirma a realidade do mundo social, a aniquilação nega a realidade dos fenômenos que não se ajustam neste universo. Esta conclusão pode ser verificada através do que disse Orlandina, uma das pessoas entrevistadas, sobre a prisão da vidente e seu interrogatório por policiais federais:

Ela [Levina] foi presa, elas não contou pra você, não? [Foi fazer] Exame psicológico, de doutor. Ela que me contou. Sabe porque ela foi lá fazer? Porque Dom Gerardo falava que ela era louca e estava enlouquecendo o povo tudo aqui. Aí levaram ela, não sei quem chamou, levou ela e lá ela...

Durante a viagem Levina ficou hospedada no convento das Irmãs Carmelitas da Santa Face, que estava sendo criado por Madre Ana em Sepetiba, no Estado do Rio de Janeiro. A vidente foi examinada na Clínica Neurocirúrgica e Neurológica do SNDM, do Ministério da Saúde, através de uma equipe chefiada pelo Dr. Antônio Alfredo Grub, membro da Sociedade Brasileira de Neurocirurgia e da Sociedade de Neurologia, Psiquiatria e Higiene Mental do Brasil, psiquiatra especialista pela Universidade de Köln, Alemanha. A conclusão que resultou destes exames foi apresentada em laudo médico datado de 29 de março de 1976, que atestou a sanidade mental de Levina.⁹

Nesta ocasião, um novo elemento foi introduzido no processo de criação do mundo religioso que havia se iniciado com as aparições de Nossa Senhora. Ao olhar para uma imagem do Menino Jesus, que pertencia a uma das religiosas do convento, Levina viu uma criança viva que se identificou

como Menino Jesus Celeste, pedindo a ela que o trouxesse para a Santa Montanha, para viver junto à sua mãe Maria. Um ano depois, conforme pedido por Ele, a família voltou a residir na fazenda de Juca Emídio, quando as pessoas da região imediatamente se organizaram e construíram uma pequena casa nos terrenos da fazenda, próxima à ermida, com autorização do proprietário, para que se abrigassem.

De acordo com o que foi dito nas entrevistas, Levina segurava nas mãos o próprio Menino Jesus encarnado em sua imagem como se segura uma criança pequena e o que Ele dizia era repetido por ela. Enquanto as mensagens de Nossa Senhora eram de alertas sobre castigos que sofreria a humanidade em decorrência de seus pecados e desobediência e carregadas de conteúdo apocalíptico com avisos sobre uma iminente catástrofe que assolará brevemente a terra, a chegada do Menino Jesus Celeste na Serra da Mutuca veio trazer leveza, movendo as atenções, que antes se concentravam apenas em Nossa Senhora, para suas mensagens e sua presença. Seu lema era: “Quem não se tornar como criança não entrará no Reino dos Céus”. Com frequência, quando as pessoas se aglomeravam na casa de Levina para ouvir suas mensagens, o Menino Jesus Celeste pedia que todos saíssem para a rua e brincassem como crianças. Nestes momentos ele permanecia no colo da vidente, presente em sua imagem. Pedro A. Ribeiro de Oliveira (1985, p. 114/115), ao analisar as representações e práticas do catolicismo popular no país sobre a devoção aos santos através de suas imagens e em que conclui que “o fato de estarem no céu não impede que os santos estejam ao alcance dos homens; eles se fazem presentes na terra por meio de sua imagem”, ressalta a importância da presença do santo em sua imagem para o catolicismo popular, porque “ela torna possível o contato entre o fiel e o santo. Os santos estão, por assim dizer, ao alcance de qualquer fiel, sem que intervenha alguma mediação institucional entre eles”.

Logo após a chegada do Menino Jesus Celeste, outras imagens começaram a aparecer, vindas de diversos lugares e doadas por várias pessoas. Foi o Menino Jesus Celeste quem escolheu o nome de todos os outros que apareceram depois dele e cada imagem, logo que chegava à Santa Montanha, era batizada pelo próprio Jesus, que também escolhia seus padrinhos. Jesus feito menino, único e ao mesmo tempo vário, manifestava-se às vezes como Menino Jesus Celeste, uma única criança em todas as imagens ou em apenas uma, e em outras ocasiões se multiplicava em nomes diversos, revelando-se um e muitos. Através da vidente, Ele interagia com os fiéis, escutando seus pedidos e dando respostas às suas perguntas e aquilo que estava destinado

a uma pessoa em especial era respondido pelo Jesus que se apresentava em uma imagem específica, entre elas o Menino Jesus Caminho para o Céu, Menino Jesus da Cruz, Menino Jesus Alegria. Em suas aparições, Jesus também interpretava palavras do Evangelho, que ensinava, confortava as pessoas que o procuravam em suas aflições e respondia a questões que surgiam na comunidade e que eram levadas a ele. Era também com alguma frequência que receitava medicamentos caseiros a serem usados em forma de chás. E são diversas as narrativas que contam sobre as ocasiões em que o Menino Jesus, na companhia de sua Mãe, fazia penitências em procissões de madrugada, pelas trilhas da montanha, junto aos devotos, para a salvação da humanidade e pela conversão dos pecadores, o que também foi relatado por Irmã Henriqueta, que desde criança reside na montanha:

Diz o papai que veio uma nuvem de vagalume alumando a estrada pra Jesus passar. Aqui nesse trecho aqui. O padre com o Santíssimo e aquele monte de vagalume alumando o caminho, porque não tinha luz, não tinha nada. Pois os vagalumes que veio alumando o caminho de noite.

Até a morte de Levina em 2002, o Menino Jesus se manifestou a ela, não somente na forma de Jesus Criança. Quando havia ordenações dos sacerdotes formados na Santa Montanha, em um seminário que foi criado pelos religiosos que passaram a residir no lugar, foi narrado que ele aparecia à vidente como um rapazinho que dirigia as cerimônias. Em algumas ocasiões mais raras, assumia a forma de Jesus feito homem, dando mensagens sempre ao lado de sua mãe, Maria.

São Miguel e o Dragão

Outro elemento integrante do catolicismo que sempre exerceu um papel de grande importância, equiparado ao de Maria e do Menino Jesus na Santa Montanha e que precedeu as aparições da santa, não apenas na forma do *bicho* visto por Geralda dos Reis, mas ainda em manifestações anteriores, é o demônio. Todas as informações são unânimes em dizer que, antes da primeira aparição, a presença daquele que chamam “O Dragão”, “O Outro”, “O Encardido”, “O Inimigo”, “A Serpente”, já era sentida. Os entrevistados recordaram vários momentos envolvendo a presença do Outro, dizendo que ele agia fortemente, muitas vezes de maneira predominante e que somente através de muitas orações acompanhadas de penitências

dolorosas podia ser contido. Esta atuação do Mal, quando muitas vezes se impunha sobre o Bem, é descrita por Carlos Rodrigues Brandão (Brandão, 1986, p. 193) como um reflexo das comunidades terrenas, onde “toda a existência e todo o poder de um dos lados só pode ser avaliado de acordo com os termos dos seus efeitos em um estado de conflito permanente com o outro lado.” Desta forma, pode-se verificar o cosmos refletido no mundo humano, onde os domínios separados da realidade se entrelaçam e o mal entre os seres humanos é explicado e justificado em uma referência direta ao universo simbólico.

A santa, em sua luta contra o demônio, contava com o apoio de um personagem de grande importância, que pelejava a seu lado e também era visto pela vidente Levina e que insistia em que, somente através de penitências e orações, os três, Nossa Senhora, o Menino Jesus e ele, o arcanjo guerreiro Miguel, poderiam juntar forças para dominar o Dragão. A batalha, antes travada entre São Miguel e o demônio, novamente se realiza no mundo humano, onde o Dragão, afugentado dos Céus pelo Arcanjo e seus anjos, procura se estabelecer entre os homens. Seu adversário, São Miguel, se integra a esta realidade cósmica projetada na realidade humana, com sua espada flamejante e pairando sobre a montanha: “São Miguel está com sua espada toda afiada para encontrar com o dragão. O dragão está traíndo as almas...”¹⁰

Segundo os relatos, o demônio manifestava-se todos os dias e a qualquer momento, interagindo com as pessoas, dialogando com elas através da vidente, dando mensagens, tentando fazer-se passar por Nossa Senhora, aparecendo em formas diversas, provocando odores fétidos e muitas vezes atacando fisicamente os moradores, através de pedradas e empurrões. Somente depois de muitos anos de penitências e orações contínuas oferecidas pela população,romeiros e pelos religiosos, o demônio foi contido, mas sua presença ainda é sentida, embora sem a força com que se manifestava antes e durante muito tempo após as primeiras aparições de Nossa Senhora. No Livro do Tombo consta uma mensagem da santa, datada de 22 de dezembro de 1968, que mostra sua luta contra o mal e sua arma de batalha: a oração. Aqui também se verifica correspondência com Carlos Rodrigues Brandão (1986, p. 193) quando diz que “são os deuses e os demônios os seres que lutam entre si pela posse do controle do destino dos sujeitos terrenos”, mas que são os homens que, “através de atos sociais de produção de rituais votivos provocam uma resposta do agente sobrenatural”. O que se compreende através do que é dito pela própria santa, é

que Ela necessita do ser humano para se manifestar no mundo humano. É a partir de atos humanos, objetivados em orações, obediência e penitências que o ser humano vem permitir a Nossa Senhora encontrar a força necessária para atuar de forma a controlar o mal que se manifesta também no mundo humano: “A Virgem Maria Santíssima quer muita obediência, hoje 21 de setembro. N. S pede muita obediência se não houver obediência N. Senhora fica sem força para extinguir o demônio.”¹¹

A explicação para a presença do Mal dada por Nossa Senhora é que os atos praticados pelos homens em desobediência à vontade de Deus permitiram que o demônio se estabelecesse no mundo humano. Assim, os castigos anunciados por Ela não vêm diretamente Dele como uma retaliação ao descumprimento de Suas vontades, mas pelo ato de permitir que o Outro atue entre os seres humanos¹². Assim, é o Demônio a principal razão da presença de Nossa Senhora na montanha¹³. É a partir deste local privilegiado e escolhido por Ela para fazer face ao Mal que a humanidade poderá, através do arrependimento de seus pecados, orações, obediência e penitências, obter o perdão de Deus, que se compadecerá de seus filhos e permitirá a salvação. Portanto, Maria se manifesta entre os seres humanos como intermediadora das relações entre o mundo humano e o mundo sagrado (Reesink, 2003, p. 90), o elo que permite a ligação entre Deus e os homens e através do qual Ele expressa sua vontade.

A Santa Revolta e a construção do mundo

Aproximadamente dois anos após se mostrar às crianças, Nossa Senhora começou a escolher 12 fiéis, entre homens e mulheres, para que se tornassem seus apóstolos. Durante a pesquisa, consegui encontrar quatro dos antigos apóstolos, José Lopes, Orlandina, Teresa Rosa e Teresinha Anacleto. Conforme disseram, a finalidade de se reunir estas pessoas era prepará-los para o movimento denominado Santa Revolta¹⁴ que envolveu a participação da população, da Diocese de Leopoldina, da polícia local, da Polícia Federal e do Departamento de Ordem Política e Social (DOPS), órgão governamental à época da ditadura militar que se iniciou no Brasil no ano de 1964 e que também tinha a função de repressão a movimentos populares. Orlandina fala sobre a Santa Revolta:

Ali era pra ficar nos combates, aceitar tudo o que vinha. Era pra aceitar tudo

o que vinha. Por causa da Santa Revolta que ia haver. A revolta, ainda chamava ela de Santa Revolta ainda. Essa confusão toda não tinha não. Depois é que começou. Já começou no começo. No começo já começou a fazer penitência. Por causa da Santa Revolta.

Diversas atribuições foram dadas por Nossa Senhora a seus apóstolos. Estes eram encarregados de dar assistência à vidente durante as aparições e se identificavam pelo uniforme que usavam. Também deviam organizar orações, controlar o movimento de romeiros e visitantes, cozinhar para os padres que prestavam assistência religiosa no lugar e, mais que tudo, era exigido pela santa que praticassem muitas penitências. Estas penitências também eram acompanhadas pelas pessoas que tinham o hábito de visitar a montanha, como também por romeiros e crianças. O processo de expansão do mundo que estava sendo criado na Serra da Mutuca pode ser observado nas rotinas e na identificação dos papéis com a objetividade das ações das pessoas envolvidas, em que cada indivíduo apreende a realidade através do trabalho conjunto que foi dando origem a uma história comum (Berger e Luckmann, 2009).

Durante os anos que se seguiram à expulsão dos devotos de Nossa Senhora da Igreja do Distrito de Villas Boas por Padre João Bentjes até meados do ano de 1975, nenhum padre subiu a montanha para a realização de serviços religiosos. Os moradores da região que mantiveram a fidelidade à santa, rompendo com a igreja institucional e comparecendo às ocasiões em que ocorriam as aparições, encontraram um modo alternativo de praticar sua religião através de encontros regulares com a vidente Levina que, aos poucos, à medida que as aparições se sucediam e o discurso de Nossa Senhora se delineava, foi assumindo o papel de líder da comunidade dissidente e as missas foram substituídas por mensagens ditadas na casa da vidente, onde, durante as aparições, os fiéis recebiam a comunhão diretamente de Nossa Senhora ou de São Miguel, chamada pela própria santa de comunhão espiritual. Este afastamento das regras da Igreja e uma possível desobediência, que para Cecília Mariz (2006) podem ocorrer “a partir de um possível contato com o sagrado sem mediação do sacerdote” ou de maneira individual em nome da “experiência” pessoal do crente havia sido observado por Max Weber (2004) ao falar sobre a desvalorização da Igreja quando ocorre o surgimento de um líder carismático pelo fato de que este, como leigo, dispensa a intermediação da instituição na relação com o sagrado.

Quando Levina voltou a residir na Serra da Mutuca com sua família,

em 1977, os religiosos que ela conheceu em Muriaé já frequentavam a montanha há dois anos e passaram a residir na Casa dos Padres e no Convento, que foram sendo construídos aos poucos pelos apóstolos, moradores e romeiros que, pedindo esmolas e contribuindo com seus próprios recursos financeiros e mão de obra, iniciaram as construções na montanha conforme pedido por Nossa Senhora em várias de suas mensagens. Os relatos dos entrevistados, em consonância com o Livro de Tombo, dizem que o Menino Jesus também vivia na montanha entre as pessoas e foi ele e sua Mãe que determinaram onde seriam construídas todas as casas, o santuário, o convento e o seminário. Também era só com a autorização dos dois que as pessoas podiam se estabelecer no local.

A partir do ano de 1969, os efeitos do Concílio Vaticano II atingiram de maneira violenta o movimento religioso que ocorria na Serra da Mutuca. A repressão à devoção popular a Nossa Senhora Aparecida, que começou com a expulsão da igreja da família da vidente Levina e dos seguidores da santa e a proibição de assistirem às missas, chegou a seu ponto máximo com a chegada dos religiosos vinculados à Igreja Palmariana no ano de 1975. Orlandina participou ativamente, junto com seu marido Tolé, de todos os eventos que ocorreram na montanha e é ela quem narra:

Começou a reunir os apóstolos, no início já veio os apertos. Aí começou os combates. De padre e também de polícia. O combate, combate dos padres daqui [de Villas Boas] com os padres de lá. Os padres de lá vinham de fora. Porque o povo não deixava de frequentar, começou também os padres vir aqui. No princípio eles foram, depois é que revoltou. Depois o bispo revoltou. Porque Dom Gerardo falava que ela [Levina] era louca e estava enlouquecendo o povo tudo aqui. Chamava ela de louca, ela era louca. Ela está louca e está enlouquecendo esse povo daqui. De religião.

Em uma tarde, Padre Vinícius subiu a montanha acompanhado da polícia de Guiricema, que efetuou uma vistoria no lugar e exigiu dos padres José e Ferrari, que lá se encontravam, que não celebrassem missas e nem prestassem qualquer serviço religioso à população. Como os padres continuaram com as celebrações, alguns dias depois, em um domingo, às 10 horas da manhã, quando uma multidão se encontrava reunida assistindo à missa na ermida, policiais do DOPS subiram a montanha e invadiram a fazenda de Juca Emídio, ameaçando com armas todas as pessoas que lá se encontravam e efetuando as prisões de Efigênia Teixeira, uma das pessoas escolhidas por Nossa Senhora para ser seu apóstolo, Geralda dos

Reis e Inês Florentina, filha de Efigênia, que foram colocadas dentro do carro-prisão, que foi trancado e posto sob o sol. Padre José foi agarrado de maneira truculenta pela batina, junto ao pescoço e obrigado a se sentar, ficando sob a mira da arma que o policial portava. No local havia cerca de duas mil pessoas que, com o barulho provocado pelas sirenes do carro do DOPS, subiram a serra gritando apavoradas e correndo para todos os lados. Algumas horas depois, após haver dispersado o movimento de orações a Nossa Senhora, os policiais desceram a serra. Teresa Rosa estava presente no local nesse dia e ela conta:

Nós estávamos rezando, a Orlandina estava embaixo, a Efigênia também estava lá pra baixo na casa da Lúcia, a Irmã do Espírito Santo que é a Geralda dos Reis estava pra lá e nós estávamos cá em cima com a Dona Levina e muita gente. Nossa Senhora! Era uma festa. E com pouco que a polícia chegou. Já veio com aquela zoeirada, zoeirada, buzinando, buzinando e chegou, e foi chegando e botou todo mundo pra correr. Muita gente subiu essa serra, a senhora olhava, essa serra era uma procissão. Os outros estão correndo, nós ficamos quietos. O Sebastião também ficou mais embaixo. Aí, coitadinho do Dom José, tadinho, a polícia já com aquela metralhadora, pegou nele e fez ele sentar. Tinha uma porção de gente que eles puseram assim. Pegou assim na coisa dele e sentou. Ele ficou amarelinho, sentadinho, caladinho. E a polícia botando os outros, botou todo mundo pra correr. Depois ele virou pra nós. Ele falou assim: - “E vocês? O que vocês ficam fazendo aí? Vão trabalhar, vai lavar roupa. É mandado, tem que fazer mesmo”.

Poucos dias depois da invasão da montanha pelo DOPS, durante a noite, novamente a Polícia Federal se dirigiu ao local, acompanhada da polícia de Guiricema. Após dissolver o grupo de pessoas que se encontrava rezando na montanha, a polícia se dirigiu à sede da fazenda, a pedido de Tolé, para conversar com o proprietário e os padres. Depois da conversa com o Senhor Juca Emídio, os padres, a vidente Levina e alguns devotos foram levados à Casa Paroquial onde os esperava Padre Vinícius. O teor da conversa foi narrado por Orlandina:

O padre Vinícius chamou o padre Ferrari, pôs o padre Ferrari pra dentro da casa paroquial, fechou a porta e ficou conversando os dois. (...) Chegou, passou o padre na frente, conversou, conversou lá e falou: - “Amanhã, quero que o senhor retire lá pra fora.” O padre falou assim com ele: - “Amanhã o senhor retire lá pra fora.” Esse padre de Guiricema, padre Vinícius.

A partir desse dia, os padres passaram a ir à montanha sem atravess-

sar a cidade, na maioria das vezes. A polícia mantinha vigilância na entrada de Guiricema, impedindo que eles chegassem à Serra da Mutuca. Como Levina ainda estava morando em Ervália, as missas eram celebradas em sua casa onde também continuaram acontecendo as aparições de Nossa Senhora. No primeiro domingo de cada mês e nos dias 15 e 25, quando todos seguiam para a montanha, o único caminho que permitia seu acesso era atravessando a Serra da Mutuca a partir de Ervália.

Quando a Casa dos Padres ficou pronta, Padre José, Padre Emílio e Frei Benigno, abandonaram a diocese e/ou congregação a que estavam filiados e fixaram residência na montanha. Ao pedido insistente de Nossa Senhora em suas mensagens, as mudanças introduzidas pelo Concílio Vaticano II foram completamente ignoradas e estes religiosos encontraram um local para viver de acordo com suas convicções, desvinculados de Roma. Todos eles continuaram usando diariamente os hábitos e batinas que antes os distinguiam, celebravam missas em latim e de costas para o público, dando comunhão diretamente aos fiéis que a recebiam de joelhos, com as mulheres usando véus nas cabeças durante as celebrações e a exigência de confissões antes da comunhão diretamente com os padres.

No mês de outubro de 1981, Frei Cristóvão Pirolli chegou à montanha e foi chamado por Nossa Senhora a morar no povoado que estava sendo construído. Com a colaboração de Padre José, Padre Emílio, Padre Ferrari e Frei Faustino, deu início a um seminário, que chegou a abrigar aproximadamente vinte estudantes ao mesmo tempo e funcionava na Casa dos Padres. Frei Cristóvão era franciscano e, pelo que se conclui com o que foi dito pelos entrevistados, também estava desligado de sua Ordem e não tinha moradia fixa.

Logo após a criação do seminário, também chegou ao local, vindo de São Paulo, um bispo da Igreja Católica Apostólica Brasileira (ICAB), chamado Dom Mauro, que os moradores disseram que foi acolhido por Nossa Senhora e pelo Menino Jesus. Este bispo passou a residir na montanha e trouxe com ele vários padres e seminaristas da ICAB, juntando-se aos religiosos de Palmar de Troya e também a outros que haviam rompido com a Igreja Romana e passaram a morar no local. Dom Mauro também lecionava no seminário junto com Frei Cristóvão, Padre José e Irmã Leonor, religiosa que havia se desvinculado de sua congregação e, conforme ela mesma disse em entrevista, passou a residir na Serra da Mutuca a pedido do Menino Jesus Celeste. A Santa Montanha, neste período que durou vários anos, de 1976 até a morte da vidente, passou a abrigar religiosos oriundos

de diversas Ordens, Congregações e Dioceses da Igreja Católica Romana, da Igreja Católica Brasileira, da Igreja Palmariana e, durante um curto período, da Igreja Ortodoxa Siriana, criada posteriormente no Brasil em 1986 por Dom Moussa, que passaram a trabalhar em conjunto com os fiéis na construção de um mundo religioso peculiar, que se submetia somente às ordens diretas do Menino Jesus e de Nossa Senhora.

Em 1985, Dom Mauro ainda morava na Santa Montanha, e os relatos indicam que foi ele que fez a sagração de Padre José Guerra, juntamente com Nossa Senhora e o Menino Jesus. A partir desta data, Padre José passou a ser identificado na montanha como Bispo Dom José. Conforme foi dito pelos moradores, tanto a sagração deste padre como as ordenações dos seminaristas foram feitas em obediência às ordens de Nossa Senhora e do Menino Jesus, através de revelações.

Foi nesta época que o proprietário da fazenda doou, por escritura, parte do terreno onde ocorriam as aparições à Obra da Misericórdia, entidade a ser criada pelos religiosos, e as construções puderam ser erguidas. Com o retorno de Levina a Guiricema e a fixação de residência dos apóstolos e fiéis na montanha em torno da presença de Nossa Senhora, agora acompanhada do Menino Jesus Celeste, a figura da vidente, intermediária entre os dois e a população, representou o elemento carismático que reuniu e integrou todos à sua volta. Entende Peter Berger (2004) ser a religião o instrumento legitimador talvez mais antigo na história da humanidade, por conceber a ordem institucional de maneira a situá-la em um esquema microcosmo/macrocosmo, num quadro de referência sagrado e cósmico. “Tudo ‘aqui em baixo’ tem o seu análogo ‘lá em cima’. Participando da ordem institucional, os homens, *ipso facto*, participam do cosmos divino.”

Pode-se verificar na construção do mundo Santa Montanha os elementos do drama que John C. Dawsey (2005) analisa em Victor Turner e que podem levar à criação de uma *communitas*. A partir da ruptura com a igreja institucional, quando os moradores em torno da montanha foram compelidos a optar entre se manterem fiéis à Igreja, que passou a negar a possibilidade da presença da santa na região e a experiência pessoal com o sagrado proporcionado pelas visões de Nossa Senhora e de inúmeras manifestações decorrentes de sua presença, o rompimento com a instituição proporcionou dificuldades “para ressignificar o mundo”, provocando uma crise que se intensificou e que envolveu a recompreensão do universo simbólico. A ação reparadora veio através da criação de uma comunidade compartilhada pelos devotos da santa, no processo de recompôr em novas/

velhas formas os fragmentos e estilhaços produzidos no processo liminar, com a recriação de significados, em um desfecho em que “um senso de harmonia com o universo se evidencia e o planeta inteiro é sentido como uma *communitas*”. Este mundo, ao mesmo tempo em que era construído em seu aspecto físico, expandia-se também em significados simbólicos, em um sistema coerente no mundo social habitado por seus moradores e a totalidade da vida passou a ser sentida como subjetivamente significativa (Berger & Luckmann, 2009). Conforme havia sido pedido por Nossa Senhora desde o início das aparições, a construção do povoado foi concluída.

Em 1990, os padres que frequentavam a Santa Montanha, com exceção de Padre Emílio, que havia falecido em 1983 e Dom José Guerra, que continuou residindo no povoado dando continuidade ao seminário, vindo a falecer em 1989, deixaram a serra, sendo que alguns deles, de acordo com os relatos, foram para a Espanha, para a Igreja de Palmar de Troya. Frei Cristóvão continuou no Brasil, mas não voltou a exercer suas funções na montanha. Em 1989, com o falecimento de Dom José, o seminário foi desativado. Ninguém soube dizer o que aconteceu com Padre Ferrari e Frei Benigno, que também não mais apareceram no povoado. Os religiosos que permaneceram na montanha, Aldir e Antônio, que foram ordenados padres no seminário da Santa Montanha, continuaram celebrando missas, casamentos, batizados e propagando as mensagens de Nossa Senhora e do Menino Jesus, juntamente com as Irmãs Carmelitas, até o falecimento de Levina em 2002.

Em 2003, os religiosos e moradores da Santa Montanha decidiram buscar o apoio da Administração Apostólica Pessoal São João Maria de Vianney, com Diocese em Campos. Moradores e religiosos disseram ter confiado nas palavras de Nossa Senhora, que antes da morte da vidente previa a chegada de um bispo que iria cuidar da Santa Montanha. Foi um processo de aproximação difícil e longo e que ainda durante o tempo da pesquisa não havia se completado. Os religiosos que permaneceram no local encontram-se filiados, com autorização de Dom Dario, Bispo da Diocese de Leopoldina até 2011, à Administração Católica Pessoal São João Maria de Vianney, que se originou da União Sacerdotal São João Maria Vianney. Esta entidade era formada por uma associação de sacerdotes e foi fundada em 1982 por D. Antônio de Castro Mayer, quando se separou da União São Pio X, que era chefiada pelo Bispo Dom Lefebvre. Esta rompeu com Roma após a reforma conciliar e celebra o rito romano tradicional na Diocese de Campos. No ano de 2002, a União São João Maria de Vianney, liderada

pelo Bispo Dom Licínio, sucessor de Castro Mayer, reconciliou-se com a Santa Sé, passando a se denominar Administração Apostólica Pessoal São João Maria de Vianney. No momento da pesquisa havia um processo junto a Roma para a criação de uma paróquia na Santa Montanha e regularização do Carmelo. A Administração Apostólica Pessoal São João Maria de Vianney possui seu próprio Bispo e se submete diretamente a Roma, usa o rito romano tradicional e constitui paróquias pessoais.

Conclusão

A presença de Nossa Senhora na Santa Montanha surgiu carregada de tamanha densidade que permitiu a percepção de que a realidade humana e a realidade cósmica estavam de tal modo inseridas uma na outra, que o universo simbólico criado a partir de sua presença era compreendido como realidade objetiva, onde os significados humanos projetados no mundo refletiam o cosmos em uma interpenetração dos *nomoi* (Berger & Luckmann, 2009). A figura da santa projetada no mundo, descrita pelos entrevistados que relataram suas visões e a identificam como Nossa Senhora Aparecida, padroeira do Brasil, é descrita em todo resplendor, brilhando como estrelas entre os seres humanos. E é desta forma que Ela mesma se apresenta, como pode ser visto em algumas mensagens: “Eu vou descer sobre um relâmpago e sobre a estrela quem tiver medo não vai suportar, não precisam de ter medo.”¹⁵

Embora Nossa Senhora faça constantes referências aos castigos que em breve recairão sobre os seres humanos, esta forma de punição por parte de Deus, como já dito, é consequência dos próprios atos humanos, pois através da desobediência a Seus desejos permite-se a atuação do demônio. A obediência, sim, a que se realizem atos de penitências, orações e respeito aos preceitos católicos, agora é necessária para que o equilíbrio entre cosmos e caos seja restaurado. E é através de Nossa Senhora que Deus vem ensinar aos homens como restabelecer este equilíbrio, se opondo ao comunismo/ateísmo e negando qualquer influência de outras religiões¹⁶, o que também foi observada por Mísia Lins Reesink (Reesink, 2003) ao analisar as aparições de Maria em Anguera, que passaram a ser relatadas por Pedro Régis Alves a partir de 1987, mais de 20 anos após a primeira aparição na Santa Montanha, demonstrando a permanência desta característica ao longo dos anos.

É de se destacar que, embora em algumas mensagens Nossa Senhora diga que

*foi enviada pelo Pai para encaminhar seus filhos para o Céu e faça sempre referência a seu filho Jesus*¹⁷, ela se apresenta fundamentalmente como um par, não com o Filho, mas como a contraparte feminina do próprio Deus. Assim como Ele, Ela também é capaz de perdoar os pecados¹⁸, de conceder bênçãos¹⁹, de converter os pecadores²⁰ e levá-los para o Céu²¹, de consolar²², conceder a graça²³ e a salvação²⁴. Nossa Senhora, durante as aparições, se anuncia como a Mãe de todos os seres humanos²⁵. Como Theotokos (aquela que carrega Deus), ao gerar a manifestação de Deus em Jesus Cristo quando assumiu a natureza humana, se tornando simultaneamente Deus e homem, divino e humano, Maria, ao se tornar a Mãe de Deus na Terra, faz-se a Mãe de todos os homens, revelando-se não apenas humana, mas também divina. Neste mundo/cosmos, Jesus se apresenta não como o Filho, integrante de uma Trindade, mas como o próprio Deus manifestado em Jesus Celeste, o que permite a Nossa Senhora se revelar como a mãe do Pai: “O Pai do Céu está enviando Sua Mãe à terra para chamar a atenção de todos vocês. Filhos, vocês pertencem a Deus. Vivam pelas Minhas Verdades. Entreguem todo o seu ser por Mim²⁶.” Maria, como Mãe de Deus na Terra, atua nos dois planos, divino e humano, o que de certa forma restringe o papel do Pai a Filho, pois enquanto Ela se apresenta aos homens em sua plenitude, é somente através da Mãe, na forma do Menino Jesus Celeste, que ele se mostra aos seres humanos na Santa Montanha.

O que percebi, enquanto digitava as entrevistas, é que havia da minha parte uma preocupação em datar os acontecimentos que não era compartilhada pelos entrevistados. Quando tentava colocar um evento no tempo cronológico, recebia respostas que mostravam que, para estas pessoas, os fatos que ocorriam não se situavam no calendário, mas eram marcados por um tempo relativo, quando os eventos eram fixados em relação à sua importância na biografia pessoal e principalmente com a história da comunidade. Esta despreocupação com o tempo parece refletir a atemporalidade que acompanha as figuras de Jesus e de Nossa Senhora na Santa Montanha. Orlandina descreve um momento em que o Menino Jesus decidiu onde seria construída a Casa dos Padres. Por este relato, pode-se ver uma realidade onde se compreende a existência de Deus como um Ser único, criador do mundo, que se manifesta como quer, inclusive na forma de Jesus criança, vivendo na montanha, encarnado em sua imagem e despido de qualquer racionalidade.

No dia em que a Dona Vica levou o Menino Jesus pra mostrar, fazer a Casa dos Padres ali, aí o padre Ferrari falou com ela assim: - “Dona Levina,

mas aqui está muito difícil, tem muita pedra.” Ela falou assim: - “O Menino Jesus estava respondendo, falando que quando Ele fez o mundo Ele não pediu autorização de ninguém, está marcando que a Casa dos Padres vai ser aqui. Quando Ele fez o mundo, Ele não pediu autorização de ninguém.”

O Menino Jesus Celeste, quando se anuncia como o Deus criador do mundo, e a santa, ao se declarar a mãe de Deus, do mundo e de todos os seres humanos, se mostram desvinculados do tempo humano, localizados em um tempo mítico que não era, não será, mas apenas é, “um *Tempo original*, no sentido de que brotou ‘de repente’, de que não foi precedido por um outro Tempo, pois nenhum Tempo podia existir *antes da aparição da realidade narrada pelo mito*” (Eliade, 2008).

Assim, Deus não é compreendido como uma Trindade, composta do Pai, do Filho e do Espírito Santo, mas como uma unidade, um Deus único que se manifestou como Filho ao se tornar humano através de Nossa Senhora e morrendo na cruz ou como o Espírito Santo²⁷ ao iluminar os seres humanos para que compreendam Suas verdades, que também são as mesmas verdades anunciadas pela santa. Nas mensagens recebidas por Levina, percebe-se uma simbiose entre Deus e Nossa Senhora, quando, embora citados como pessoas separadas, suas características se misturam.

Tudo passa, mas minhas palavras não passarão.²⁸

No Céu todos são anjos, cantando e louvando a Deus e a Mim.²⁹

Eu sou a Virgem Maria Santíssima e quem morrer por Mim estará salvo.³⁰

Da mesma forma que o Menino Jesus Celeste, que se multiplica em diversas imagens permanecendo único, assim também Maria se revela aos seres humanos. Apesar da santa sempre se apresentar como Nossa Senhora Aparecida³¹, a imagem que se encontra no Santuário quase em tamanho natural é a de uma mulher branca, vestindo azul e roxo. Foi a própria santa que pediu a Levina que seu santuário fosse dedicado a Nossa Senhora da Misericórdia. Os moradores da Santa Montanha não fazem qualquer referência às diferenças encontradas nas imagens vistas no Santuário, na Capela do Menino Jesus e na Capela das Aparições. A explicação para esta indiferença em relação à aparência de Nossa Senhora foi dada por Ela mesma que, em suas aparições, sempre pedia orações em intenção de Nossa Senhora do Carmo, Nossa Senhora Aparecida, Nossa Senhora da Consolação. Através de uma de suas mensagens, Ela esclarece porque não importa o nome pelo

qual é chamada: - “Muitos me veem sob vários títulos: Nossa Senhora de Fátima, Nossa Senhora das Graças, Nossa Senhora Aparecida, mas sou uma só.”³² Desta forma, múltipla e única, representando o símbolo máximo através do qual o sagrado se expressa entre os seres humanos, que Maria é compreendida pelos moradores da Santa Montanha. A narrativa de Teresa Rosa sobre a presença de Nossa Senhora no episódio em que o DOPS invadiu a montanha exemplifica este entendimento:

Ela [Levina] falou assim: “Olha, Nossa Senhora já levantou o dedo pra nós. Obedecer. Vamos descer”. Aí nós descemos. Diz ela que parece que Nossa Senhora jogou aquele manto que cobriu todo mundo. Até a polícia. Não tem nada como Nossa Senhora não, gente. Ela é dona de tudo. É dela.

A pesquisa realizada revelou, além dos elementos já citados, a existência de um mundo simbólico de indizível beleza, onde a realidade da vida é ordenada de forma a conservar uma qualidade definitiva e dominante. A presença de Nossa Senhora veio a permitir aos indivíduos a sensação de que a própria existência se encontra inserida em um mundo pleno de sentido, no qual o cosmos inteiro vem validar esta existência ao repetir/significar/ressignificar o divino no mundo humano através de Sua presença. Este mundo está inserido na consciência dos moradores da Santa Montanha como um mundo onde Maria, ao receber dentro de si a substância do próprio Deus, tornando-o humano, sublima seu corpo físico fazendo-se divina. Um mundo onde o Menino Deus e sua Mãe caminham de madrugada entre as pessoas, pelas trilhas na montanha, fazendo penitências para a salvação da humanidade e no qual os vagalumes iluminam o caminho, à noite, para Jesus passar. Neste mundo, anjos e demônios pelem para manter o equilíbrio do universo. Um mundo onde o mistério da multiplicação dos pães por Jesus Cristo novamente se realiza na mesa de seus discípulos e a fé leva a atravessar montanhas. Um mundo que cria guerreiros que combatem para manter o símbolo do amor entre os seres humanos e no qual o próprio Deus se faz menino vivendo em uma aldeia e que ri e que brinca, se multiplicando e se manifestando em diversos corpos para ser acolhido pelos seres humanos, como no mistério da eucaristia. Assim, Nossa Senhora se faz ainda e sempre presente entre homens manifestando-se em toda a sua glória e majestade.

Notas

* Mestre em Ciência da Religião pela Universidade Federal de Juiz de Fora, Minas Gerais. O presente artigo é fruto da pesquisa realizada durante o curso de mestrado em Ciência da Religião na Universidade Federal de Juiz de Fora, em dissertação denominada “Santuário da Santa Montanha: um estudo sócio-antropológico das aparições marianas em Guiricema, Minas Gerais”.

¹ Os nomes das pessoas citadas neste artigo correspondem aos seus nomes civis. O motivo para que não ocorresse sua substituição é que todas estas pessoas e sua participação na construção do Santuário da Santa Montanha são conhecidas na região. O Livro do Tombo, que pode ser consultado por visitantes, também faz referências aos fatos ocorridos, citando o nome civil das pessoas envolvidas. Assim, não há razão para que estas pessoas permaneçam no anonimato.

² 2º Livro do Tombo. Mensagem datada de 07 de agosto de 1976: “Eu escolhi este cantinho e quero todos os meus filhos na Santa Montanha”.

³ Idem. Mensagem datada de 06 de março de 1977: “N S está reclamando a todos, como veio ao mundo pedindo meus filhos rezai o terço vai haver tantos castigos, vai chegar um tempo de 3 anos de fome, secar todas águas se ninguém quiser obedecer, se não obedecer vai vir estes castigos, vai haver tantas gente cegos mudos e surdos”.

⁴ 1º Livro do Tombo. Mensagem datada de 03 de novembro de 1974: “O tempo está vencendo”.

⁵ 1º Livro do Tombo. Mensagem datada de 28 de janeiro de 1971: “Se todos se converterem, receberão uma grande graça”.

⁶ 1º Livro do Tombo. Mensagem datada de 21 de fevereiro de 1971: “Eu vim aqui, nesta Santa Montanha, para converter a todos. O que está acontecendo aqui hoje, é o mesmo que aconteceu em Fátima”.

⁷ 1º Livro do Tombo. Mensagem datada de 21 de fevereiro de 1971: “Neste local há três segredos que só poderão ser revelados ao Santo Padre, o Papa”.

⁸ 2º Livro do Tombo. Mensagem datada de 16 de junho de 1976: “Nossa Senhora apresentou os países que vão ser mais castigados. Ela disse: - “O mar está subindo, avançando para a terra. Terremotos e outros castigo vão acontecer... O tempo está vencendo”.

⁹ O laudo psiquiátrico sobre a vidente Levina, emitido pelo SNDM, encontra-se guardado no Convento das Irmãs Carmelitas, em uma pasta sob a responsabilidade da Irmã Leonor Pazzoto e me foi cedido pela Madre Auxiliadora para ser escaneado.

¹⁰ 2º Livro do Tombo. Mensagem datada de 18 de setembro de 1976.

¹¹ 2º Livro do Tombo. Mensagem datada de 07 de novembro de 1976.

¹² 2º Livro do Tombo. Mensagem datada de 04 de julho de 1976: “Se Deus permitir os castigos, para derrotar o mundo, que vocês vão fazer?” Mesmo Livro, mensagem datada de 07 de agosto de 1976: “O demônio está no mundo para perder as almas. Ele está querendo comer as estrelas e a lua. Se for a vontade de Deus ele poderá vir”.

¹³ 2º Livro do Tombo. Mensagem datada de 15 de março de 1976: “Vim para afugentar a serpente traidora”.

¹⁴ 1º Livro do Tombo. Mensagem datada de 22 de fevereiro de 1969: “Não tenham medo, pois Eu ajudarei a Santa Revolta!”

- ¹⁵ 1º Livro do Tombo. Mensagem datada de 20 de fevereiro de 1969.
- ¹⁶ 1º Livro do Tombo. Mensagem não datada: “Eu tenho explicado: Não acompanhem as coisas espíritas, que é um grande pecado. As pessoas que trabalham nessas coisas espíritas se perdem.” 2º Livro de Tombo. Mensagem datada de 17 de julho de 1976 : “Filhos, não acompanhem as leis comunistas! Muitos dizem que nem Jesus nem a Mãe do Céu fazem milagres. Os protestantes é que vão fazer?”
- ¹⁷ 2º Livro do Tombo. Mensagem datada de 07 de agosto de 1976: “Vamos receber Jesus com todo carinho no coração. Ele é nosso Criador”.
- ¹⁸ 1º Livro do Tombo. Mensagem datada de 13 de outubro de 1971: “Estou aqui, esperando para perdoar os meus filhos”.
- ¹⁹ 1º Livro do Tombo. Mensagem datada de 24 de janeiro de 1971: “Peço a todos que se reúnam para receberem as Bênçãos de Deus e a Minha”.
- ²⁰ 2º Livro do Tombo, Mensagem datada de 25 de fevereiro de 1972: “Eu sou a Virgem Maria Santíssima, a Mãe verdadeira do mundo, vim ao mundo para converter a todos”.
- ²¹ Idem: “Eu quero levar todos para o céu, não tenham medo, quem confiar em mim confia nas palavras de Deus e da Virgem Maria Santíssima”.
- ²² 1º Livro de Tombo, mensagem datada de 05 de dezembro 1971: “Como Mãe de Deus, Eu vim ao mundo para consolar os meus filhos que estão na aflição e para salvar a todos”.
- ²³ 3º Livro de Tombo, mensagem datada de 02 de abril de 2000: “Eu nunca vou abandonar os meus filhos, porque Eu sou a Mãe de todos! Eu digo: peçam a Graça, que Eu lhes dou!”
- ²⁴ 2º Livro do Tombo. Mensagem datada de 1976: “N. S. diz que veio ao mundo mandada de Jesus Jesus pediu sua Mãe para salvar as almas há tantas que estão encaminhando para o inferno”.
- ²⁵ 1º Livro do Tombo, mensagem datada de 29 de dezembro de 1970: “Eu sou a verdadeira Mãe do mundo!”.
- ²⁶ 2º Livro do Tombo. Mensagem datada de 15 de novembro de 1976.
- ²⁷ 1º Livro do Tombo. Mensagem datada de 12 de outubro de 1971: “Venham, meus filhos, conhecer o Divino Espírito Santo! O Divino Espírito encaminha, iluminando o caminho para a Verdade de Nossa Senhora Aparecida”.
- ²⁸ 2º Livro do Tombo. Mensagem datada de 04 de outubro de 1976.
- ²⁹ 2º Livro do Tombo. Mensagem datada de 06 de março de 1976.
- ³⁰ 1º Livro do Tombo. Mensagem datada de 30 de maio de 1969.
- ³¹ Idem. Mensagem de 09 de janeiro de 1972: “Vão sofrendo que Eu, Nossa Senhora Aparecida, estou aqui, pedindo mais sofrimentos”.
- ³² 2º Livro do Tombo. Mensagem datada de 15 de julho de 1976.

Referências bibliográficas

- BERGER, Peter L. & LUCKMANN, Thomas. *A construção social da realidade*. Petrópolis: Vozes, 2009.
- BERGER, Peter. *O Dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião*. São Paulo: Paulinas, 2004.
- _____. *Um Rumor de Anjos*. Petrópolis: Vozes, 1973.

- BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Os Deuses do Povo: Um estudo sobre religião popular*. Brasiliense: 1986.
- CAMURÇA, Marcelo. *Panorama Religioso do Catolicismo e do Protestantismo no Brasil*. *Magis*, n. 14, 1996.
- DAWSEY, John C. *Victor Turner e a antropologia da experiência*. *Cadernos de campo*, São Paulo, n. 13, p. 168-169, 2005.
- ELIADE, Mircea. *O Sagrado e o Profano*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- MARIZ, Cecília Loreto. In TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (Org.). *As religiões no Brasil: Continuidades e Rupturas*. Petrópolis: Vozes, 2006. p. 62-63.
- OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro. *Religião e dominação de classe: Gênese, estrutura e função do catolicismo romanizado no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1985. p. 114-115.
- REESINK, Mísia. Nossa senhora de Angüera, Rainha da Paz e do mundo católico contemporâneo. In: STEIL, Carlos Alberto; MARIZ, Cecília Loreto; REESINK, Mísia Lins (orgs.). *Maria entre os Vivos*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003. p. 89-138.
- SILVA, Severino Vicente da. Nossa Senhora das Graças da Vila de Cimbres. In: STEIL, Carlos Alberto; MARIZ, Cecília Loreto; REESINK, Mísia Lins (orgs.). *Maria entre os Vivos*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003. p. 69-85.
- STEIL, Carlos Alberto. As aparições marianas na história recente do catolicismo. In: STEIL, Carlos Alberto; MARIZ, Cecília Loreto; REESINK, Mísia Lins (orgs.). *Maria entre os Vivos*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003. P. 19-36.
- _____. *O Sertão das Romarias: um estudo antropológico sobre o Santuário do Bom Jesus da Lapa – Bahia*. Petrópolis: Vozes, 1996.
- WEBER, Max. *Economia e Sociedade*. São Paulo: Editora UnB, 2004, pág. 310/313.